A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS ATRAVÉS DE GRUPOS DE
PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE HELIÓPOLIS/BA
Vanderleia Alves de Oliveira¹; Acácia Batista Dias²; Ildes Ferreira de Oliveira³

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: oliveiraavanderleia@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: acaciabatistadias02@gmail.com
3. Coordenador do Projeto Ser Tão Forte: Desenvolvimento Territorial Sustentável, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ildesferreira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: mulheres rurais; empoderamento; grupo produtivo.

INTRODUÇÃO

Este relatório é resultado de uma pesquisa vinculada ao Projeto Ser Tão Forte: Desenvolvimento Sustentável apoiado pela Chamada CNPq/MDA/SPM-PR N° 11/2014 - Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial (Processo CNPq n° 463080/2014-9). O estudo ora desenvolvido objetivou analisar como o acesso às políticas públicas por grupos produtivos de mulheres rurais possibilita o processo de empoderamento e politização dessas mulheres.

O estudo acerca das relações sociais e produtivas de gênero na esfera rural é relevante, visto que há uma necessidade de debater as condições sociais de mulheres e homens. Assim, pôr à vista as desigualdades existentes é o que deve primeiro ocorrer, a fim de superá-las e avançar nas reparações das injustiças sofridas pelas mulheres. Dessa forma, os grupos se apresentam com uma forma de tentar diminuir a situação de opressão e desigualdade em que estas se encontram.

Serrano (2015) destaca que a divisão sexual do trabalho se mostra como fator central para construção histórica das desigualdades sobre as mulheres. As relações de gênero na sociedade patriarcal integra a prática social das diferenças que podem ser relacionada à naturalização de atributos sociais para o sexo masculino e o feminino. É a partir dessas divisões que se originam as desigualdades, desde o momento em que o sujeito passa a ocupar níveis hierarquicamente diferenciados na estrutura social, política e econômica da sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a produção deste trabalho realizou-se leituras, fichamentos e seminários, a fim de aprofundamento do tema. A investigação promoveu uma aproximação com os estudos sobre a atuação das mulheres nos movimentos rurais, observando como estes podem romper a barreira da invisibilidade feminina; como a inserção no grupo/associação pode promover nas mulheres uma consciência sobre as desigualdades vivenciadas e como este despertar ocasiona o empoderamento feminino; e as políticas públicas que as mulheres têm conhecimento.

O trabalho de campo resultou na visita aos grupos produtivos e associações e entrevistas com as integrantes para saber como ocorreu a sua formação, o número de integrantes, as ações desenvolvidas, as políticas públicas que o grupo acessa e o impacto do trabalho coletivo na vida das mulheres.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A partir do levantamento realizado com o apoio da equipe do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) do Semiárido Nordeste II e com o auxílio do senhor José Pereira (membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais) foi identificado um total de cinco grupos/associações: Grupo de Mulheres de Santos

Dumont (Povoado Santos Dummont); Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart (Povoado de Massaranduba); Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira (Povoado Viuveira) e dois grupos ainda em construção que tem a mesma nomenclatura - Matrizes Africanas, mas situam-se em locais distintos, a saber, nos Povoados de Valérias e Floresta.

O Grupo de Mulheres de Santos Dummont possui cerca de 15 mulheres. Sua produção está relacionada à costura e artesanatos. Neste grupo são confeccionados produtos de cama, mesa e banho, e bonecas artesanais. O grupo foi beneficiado pela aquisição de quatro máquinas de costura, junto com outras associações do município, por intermédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Os produtos ficam armazenados na sede do grupo, a qual é situada no povoado de Santos Dummont e a comercialização dos produtos é realizada de porta em porta e em feiras (eventos). Entretanto, foi relatado que há o desejo de montar uma barraca na feira semanal da sede do município para a comercialização destes produtos.

A Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart teve início no ano de 2002, no momento em que foi implantada uma associação de agricultores do povoado, e por existir pessoas que realizavam trabalhos artesanais, foi construída a associação, por intermédio do integrante do sindicato. Uma das associadas relata: *José Pereira nos convidou para tá organizando um grupo e foi daí que formalizou o grupo (J.B. C, 41 anos, Professora e integrante da Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart)*. Inicialmente era composta por 18 membros, mas houve alguns afastamentos e atualmente conta com 16 pessoas, sendo a maioria mulheres. Os produtos que são produzidos pela associação são de cama, mesa e banho, e são confeccionadas também bonecas de pano, sendo a comercialização realizada de porta em porta e, no momento, o Centro Público de Economia Solidária- BA (CESOL) está dando suporte, pegando os produtos e levando-os para venda em Salvador.

O grupo de mulheres de Matrizes Africanas do Povoado Valérias está em construção (final de 2016), iniciando contatos com algumas empresas de linha de crédito, como a ASCOOB, a fim de proporcionar um financiamento para que essas mulheres possam desenvolver uma produção no grupo. As integrantes estão propondo a confecção de roupas íntimas, já que elas foram beneficiadas com duas máquinas de costura, e pretendem realizar a comercialização de casa em casa e colocar uma barraca na feira. O grupo é composto por 30 mulheres e tem o seu surgimento ligado ao projeto Matrizes Africanas, este projeto beneficia dois povoados, Valérias e Floresta, é coordenado por José Pereira, e foi ele, juntamente com a Cooperativa de Serviço de Feira (COOPSER) quem elaborou a proposta.

O grupo de mulheres de Matrizes Africanas do povoado de Floresta faz parte do mesmo projeto do grupo anterior (Matrizes Africanas), na época da entrevista comemorava quatro meses de formação. As mulheres planejam confeccionar vestimentas típicas do candomblé, já que também foram contempladas com duas máquinas de costura. A entrevistada não soube relatar a quantidade exata de integrantes do grupo, cerca de 30 a 40 integrantes.

A partir da análise das falas de mulheres participantes das associações e grupos de produção do município de Heliópolis, pode-se observar que o início dos grupos/associações está relacionado à necessidade feminina na busca por rendimentos, e por acesso a alguns benefícios oferecidos pelo governo, como cursos e políticas sociais, as quais ficam mais acessíveis a partir da formação do grupo. A luta das mulheres rurais pautou o acesso à renda com um dos fatores fundamentais, assim como o direito à documentação, e o requerimento da sua condição como sujeito autônomo e de direitos (FARIA, 2011). Desta maneira é possível observar na fala da integrante do grupo o que ela espera do mesmo: *A primeira coisa a melhorar é a financeira da gente, né?! Porque*

todo mundo corre atrás desse objetivo, né?! Também você sai de casa, nós não nascemos só pra estar em casa. Nós mulheres temos nossa capacidade, nosso objetivo também, conhecer coisas novas, aprender... (E.S. P, 35 anos, Agricultora, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/ Valérias).

Há um desejo por ganhos financeiros, mas há também uma proposta de romper com um cotidiano circunscrito às atividades domésticas. Assim, no processo de construção e continuidade do grupo/associação destaca-se que estas mulheres passam a tecer novas perspectivas em suas vidas e percebem este espaço como uma ferramenta de combate as desigualdades e invisibilidades sociais, e o estreitamento dos laços e a sociabilidade vai ganhando importância (BRUNO et al., 2011).

No que se refere à Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira, o grupo configura-se com a manutenção de atividades tradicionais. Foi instituído como associação no ano de 2009 e investe em uma diversificação dos produtos. É composto por 35 membros sendo apenas dois homens. Dentre os produtos que confeccionam destacam-se os potes, bonecas e utensílios de barro utilizados para cozinha em geral. No momento, devido ao afastamento de alguns membros, as peças estão sendo confeccionadas e comercializadas de maneira individual. O afastamento é atribuído ao inverno, uma vez que essa estação inviabiliza a produção.

Os depoimentos das representantes dos grupos/associações revelam que há motivações de diferentes ordens (econômica, social, produtiva e política) na justificativa sobre a sua inserção na perspectiva de aumentar a renda familiar e/ou ter sua renda própria; a possibilidade de desenvolver uma atividade fora de casa; o aprendizado que o grupo pode proporcionar assim como o reconhecimento de suas atividades. Nobre (2005) corrobora o que foi ilustrado anteriormente ao explicar que os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, nos diversos sentidos (autônomos, ligados ao movimento sindical, a associações de pequenos produtores dentre outros) vêm desenvolvendo a identidade política das agricultoras no seu reconhecimento público e no reconhecimento das atividades e autoreconhecimento enquanto trabalhadora rural.

No tocante a manutenção do grupo, as entrevistadas informam algumas dificuldades encontradas. Pois, ao iniciar uma associação é preciso entender a existência de demanda de tempo para a colheita dos frutos deste investimento, além de muito esforço e dedicação. Muitas integrantes devido a suas necessidades e expectativas de obter uma renda com a comercialização dos produtos se desanimam diante da demora que leva para isso ocorrer e acabam por se dispersar do grupo, o que pode ser observado na fala de uma entrevistada: *Só agora que a gente tá tendo uma dificuldade de, que é com pessoas (...) a gente sabe que com a associação tem que ter renda para poder conseguir que ela ande, então a dificuldade das pessoas daqui é implantar isso, que a gente tem que ter alguma renda pra que ela permaneça viva, então a dificuldade nossa maior é essa (M.G. S, 31 anos, integrante da Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira).*

A ausência das esposas no âmbito familiar devido à atuação no grupo, por diversas vezes, não agrada os seus cônjuges, os quais demonstram uma resistência, visto que estão acostumados a terem as suas esposas, mães e irmãs, realizando as tarefas domésticas e/ou acompanhando-os na agricultura para “ajudá-los”, uma vez que, há ainda uma influência da cultura patriarcal na vida das mulheres e dos homens por meio da construção social dos papéis de gênero, onde o público é lugar do masculino, presumindo-se que as mulheres permaneçam restritas ao espaço doméstico (SILIPRANDI, 2011). Há mudanças na dinâmica familiar, pois a mulher passa não apenas a sair mais vezes, mas também a ter consciência das desigualdades que lhes foram passadas de maneira naturalizada, e tem uma maior possibilidade de ter ciência

sobre seu papel como sujeito político. Silva (2010) reporta que, quando as mulheres se mostram contrárias a atos de discriminações domésticas e sociais e/ou profissionais, ocorre, inevitavelmente, o conflito, que foram aconselhadas a esquivar-se. Todavia o conflito é tolerável quando se busca novas perspectivas. *Mesmo com a resistência desses esposos que não queriam, as mulheres permaneceram fortes e fiéis ao grupo (J.B. C, 41 anos, Professora e integrante da Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart).*

A literatura afirma que as tarefas cotidianas realizadas pelas mulheres se fundem com as atividades agropecuárias, e que por diversas vezes são consideradas como uma extensão dos serviços domésticos, sendo o seu trabalho produtivo na unidade familiar tido como uma “ajuda” (MÉLO, MORAES; COSTA, 2014). Em contrapartida a inserção no grupo proporciona um novo olhar sobre o seu papel na sociedade e de posicionamento: *A gente se sente mais capaz, a gente se sente que é uma pessoa importante... a mulher tá ocupando espaços diferentes que não é só dona de casa, é uma forma da gente se deslocar daquilo que a gente nasceu e viu, entendeu? (M.G. S, 31 anos, integrante da Associação de Artesãos e artesãs da Viuveira).*

Assim, percebe-se a importância da inserção das mulheres rurais em espaços públicos para o empoderamento das mesmas, pois a participação nesta esfera se caracteriza como uma ação política e dá um novo significado ao seu papel de enquanto sujeito no espaço público e privado. Ao adentrar as esferas públicas, as mulheres passam a questionar a sua invisibilidade política, econômica e social, assim como outras tantas desigualdades (BRUNO et al., 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de pesquisa pôde-se constatar que quando estão em grupos ou até mesmo no processo de construção dos mesmos, às mulheres têm uma mudança acerca do seu papel na sociedade, enxergam-se mais fortes e com maiores possibilidades de atingir os seus objetivos. Contudo, na implantação e manutenção de grupos as mulheres enfrentam diversos obstáculos, principalmente no tocante ao acesso as políticas públicas, pois as mesmas ainda são desconhecidas para muitas delas, o que demonstra a necessidade de tornar essas políticas mais acessíveis a essa população. Foi possível observar a partir das falas das entrevistadas, que há, ainda que de forma sutil, uma consciência sobre as discrepâncias das oportunidades para homens e mulheres, e como o grupo pode atuar na redução dessas desigualdades o que confere um caráter de empoderamento e politização.

REFERÊNCIAS

BRUNO, R; AQUINO, S.L; JALIL, L; JUNIOR, V.J. W; BORDALO, A. 2011. Organização produtiva das mulheres assentadas da reforma agrária. In: BUTTO, A. et al. **Autonomia e Cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, p. 7-192

FARIA, N; SILVEIRA, M.L. 2005. **Feminismo e Luta das Mulheres**: análises e debates. *Sempreviva Organização Feminista –SOF*. São Paulo, p. 5-67.

MÉLO, A.B; MORAES, L.L; COSTA, M.A.Guimarães. 2014. GRUPO DE MULHERES RURAIS “RECICLARTE”: a fuga do cotidiano. In: REDOR, 18. Recife. **Anais....** Recife., p. 3812 - 3821.

NOBRE, M. 2015. Relações de gênero e agricultura familiar. In: NOBRE, Miriam;

SERRANO, J.S. Mulheres da Borborema: Construindo a Igualdade de Gênero e a Agroecologia. In: HORA, K; REZENDE, M; MACEDO, G. **Coletânea Sobre Estudos de Gênero: Prêmio Margarida Alves**. 4. ed. Brasília: NEAD, p. 9-276.

SILIPRANDI, E. 2011. Pobreza Rural, agricultura e segurança alimentar: os muitos caminhos do empoderamento das mulheres. In: Sessão da Comissão Sobre o Status das Mulheres (CSW) DA UN WOMEN, 55. Nova York. **Artigo**. Nova York: Edição Especial da Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, 2012. v. 1.

SILVA, L. C. 2010. Fortalecendo fios para uma ação feminista em rede. *In: Mulheres no Semiárido: um olhar feminista*. GUEDES, M.V.; ARANTES, R. (Org.) Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, Recife.